



PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA LITÚRGICA

Principles the Liturgical Science

Valeriano dos Santos Costa *

RESUMO: Este artigo aborda a liturgia enquanto ciência e pode ajudar a compreender a causa de tantas polêmicas que surgiram no pós-vaticano, polarizando a celebração da fé. Partimos da hipótese de que a ciência litúrgica, que surgiu no século XVIII e foi reforçada pelo Concílio Vaticano II, ainda não foi levada a sério devidamente. Isso significa que falta consciência e respeito pelos princípios que regem a liturgia, por exemplo, a ritualidade, a sacramentalidade, a finalidade soteriológica, a sensibilidade à beleza, ordem, amor e êxtase. Sem isso não se pode avançar na consolidação das orientações da carta magna da liturgia, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, e resolver as polêmicas e polarizações que afetam o mundo celebrativo.

PALAVRAS CHAVES: Liturgia. Ciência. Sacramentalidade. Ritualidade. Amor.

ABSTRACT: This article discusses the liturgy as a science and can help to understand the cause of so many controversies that emerged in the post-Vatican era, polarizing the celebration of faith. We start from the assumption that the liturgical science, which emerged in the 18th century and was reinforced by the Second Vatican Council, has not been duly taken seriously yet. This means that lack of awareness and respect for the principles that govern the liturgy, for example, the rituality, the sacramentality, the soteriological purpose, the sensitivity to beauty, order, love and ecstasy. Without these you cannot move forward in the consolidation of the guidelines of the magna carta of Liturgy, *Sacrosanctum Concilium* on the Sacred Liturgy, and resolve the controversies and biases that affect the world of celebration.

KEYWORDS: Liturgy. Science. Sacramentality. Rituality. Love.

* Diretor da Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Artigo submetido a avaliação em 02.12.2014 e aprovado para publicação em 28.01.2016.

Introdução

Este artigo propõe alguns princípios de ciência litúrgica baseados no conceito moderno de ciência, enquanto princípios gerais que regem o conhecimento humano. Consequentemente levanta a questão da falta destes princípios gerais na prática litúrgica. A partir daí se coloca um problema teológico para o mundo católico contemporâneo: por que a liturgia, que foi o conteúdo do primeiro e mais bem votado documento do Concílio Vaticano II, cinquenta anos depois da promulgação de sua Carta Magna, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) sobre a Sagrada Liturgia, continua sendo alvo de tantas polêmicas? O problema aparece em sites da internet de forma bastante polarizada e, de forma menos polarizada, em nossas comunidades, que questionam por que liturgias tão diferentes de comunidade para comunidade ou de presbítero para presbítero, se o rito é o mesmo? É como se o conhecimento litúrgico não tivesse caráter científico e sua epistemologia dependesse do costume do lugar ou da pessoa que preside.

Nossa hipótese é que falta maior conhecimento científico da liturgia. Ninguém se mete a construir um edifício se não tiver noções seguras de engenharia, ou a construir uma estrada se não conhecer bem topografia, ou mesmo a ser consultor de moda se não entender de estilística. Então como pode alguém presidir um rito litúrgico se não conhece de ritualidade e de liturgia enquanto rito sagrado que expressa e realiza a salvação? Ou ainda como pode alguém presidir um rito sagrado sem ter sensibilidade experiencial para com a beleza, ordem, amor e êxtase como princípio e finalidade litúrgica? Por isso falamos em ciência litúrgica e achamos que, em primeiro lugar, é preciso definir o que é ciência.

1 Da ciência à ciência litúrgica

Ciência, em sua concepção moderna, é o conhecimento dos princípios gerais e naturais que regem a ordem particular. Essa foi, segundo Whitehead, a grande mudança que deu nova cor à cultura europeia e marcou o mundo moderno, pois segundo ele, “a ciência moderna nasceu na Europa, mas sua casa é o mundo inteiro” (WHITEHEAD, 2006, p. 15). A nova cor que a cultura adquiriu a partir da ciência moderna definiu uma mudança de mentalidade, povoada por novos pressupostos metafísicos e conteúdos imaginativos surpreendentes (WHITEHEAD, 2006, p. 15). Ciência, enquanto conhecimento adquirido, sempre houve, mas até então não havia uma racionalidade rigorosa entre os fatos concretos e os princípios gerais que os regem. Agora “esse novo matiz das mentes modernas é um interesse veemente e apaixonado pela relação entre os princípios gerais e os fatos

irredutíveis e inflexíveis” (WHITEHEAD, 2006, p. 15). Isso constitui o princípio fundamental da ciência atual, pois “não pode haver ciência sem que não haja uma ampla convicção instintiva da existência de uma ‘ordem das coisas’ e, particularmente, de uma ‘ordem da natureza’” (WHITEHEAD, 2006, p. 16). Portanto estudar liturgia como ciência e celebrá-la de acordo com seu estatuto é um grande desafio para a igreja. Os desdobramentos da concepção científica da liturgia certamente têm consequências epistemológicas e hermenêuticas que mudam a forma de se aprofundar a celebração da fé, que tem de ser realizada de acordo com os princípios gerais a que a regem.

Uma das consequências é que, por se tratar de um saber, a liturgia tem múltiplas facetas que não se esgotam num conhecimento prático como o comer e o beber, que, uma vez adquirido, sistematicamente não necessita de evolução. O fato de a liturgia não ser vista como ciência justifica porque a disciplina litúrgica nas academias do saber teológico tem sido muitas vezes relegada a um plano secundário, o que evidentemente é um erro grave, uma vez que o Concílio elevou a liturgia ao ranque das disciplinas mais importantes do currículo teológico¹.

A palavra ciência tomou cada vez mais seu lugar na cultura quanto o homem percebeu que o conhecimento é um fator de liberdade. Na verdade não é o trabalho que liberta como impunham os nazistas aos condenados aos campos de concentração², mas o conhecimento é que faz livre. Ciência no contexto moderno é então todo conhecimento ou saber adquirido por estudo ou por prática, desde que regido por princípios gerais certos. Respeitada essa condição, pode-se definir ciência litúrgica como o conjunto dos conhecimentos adquiridos pela prática milenar das celebrações e pelos estudos realizados academicamente quando a ciência litúrgica entrou nos currículos teológicos a partir do século XVIII, com a “criação das primeiras cátedras de Liturgia, a saber, a *Schola Sacrorum Rituum* do Pontifício Colégio Romano e a cátedra de Ritos Sagrados da academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra” (CABECINHAS, 2010, p. 113).

Segundo Cabecinhas, o nascimento da ciência litúrgica resulta da conjugação de quatro fatores principais: a crise da síntese teológica da Escolástica, o crescimento do interesse pelos estudos históricos, a rejeição e o abandono progressivo das interpretações alegóricas e a necessidade de responder às críticas dos reformadores protestantes em relação à liturgia católica (CABECINHAS, 2010, p. 116).

¹ “Nos seminários e nas casas religiosas, a liturgia deve ser considerada matéria indispensável e prioritária. Nas faculdades, ser contada entre as matérias principais, ensinada tanto do ponto de vista teológico e histórico, como do ponto de vista espiritual, pastoral, jurídico” (SC, n. 16).

² “*Arbeitsmacht frei*” A expressão é conhecida por ter sido colocada nas entradas de vários campos de concentração nazistas.

A Escolástica se propôs a abarcar a totalidade do saber teológico em sínteses abrangentes como a *Summa Theologica* de Tomas de Aquino. Porém não se pode imaginar que um saber constitua uma síntese perfeita, porque o escopo da ciência exige pesquisa contínua. A ciência histórica ajudou a estudar a liturgia ao longo dos séculos, libertando-a das interpretações alegóricas, cujo conhecimento criativo não tem base alguma científica. E foi justamente na área da ciência histórica que a igreja católica se esmerou para defender-se da crítica protestante, sobretudo na acusação da falta de tradição de certos ritos.

Hoje diríamos que estudar e celebrar liturgia com método científico é buscar os princípios certos que capacitam ao conhecimento da celebração da fé enquanto momento histórico da salvação.³ Isso porque liturgia é um sabere não simplesmente um fazer. A dimensão histórica obrigou a buscar as fontes da liturgia em sua evolução no tempo e a dimensão teológica apontou que sua fonte primacial é escatológica. A nosso ver, a fonte remota da ciência litúrgica encontra-se no século V num princípio axiomático que foi expresso com os termos *lex orandi, lex credendi*.

2 *Lex orandi, lex credendi*

Como se vê no efeito tardio da assimilação da liturgia enquanto ciência, não tem sido fácil no âmbito científico aceitar que liturgia não é apenas um conjunto de cerimônias religiosas de natureza prática, mas um conhecimento teológico sistemático que nutre a fé. Neste sentido, a liturgia cristã celebra, *per ritus et preces*, a fé contida na divina revelação, cujo conteúdo se traduziu em dogmas. Como dizia Romano Guardini, “a liturgia não é senão a verdade rezada” (GUARDINI, 1942, p. 30), ou como diz Pere Tena, “o culto cristão é, sobretudo, uma profissão de fé” (TENA, 2004, p. 16). Porém não devemos esquecer que o conteúdo da divina revelação não surgiu como norma didática, mas como conhecimento inicialmente adquirido de forma intuitiva e experiencial por meio da oração da igreja; depois foi sistematizado em norma da fé. O princípio que expressa este saber é o axioma *lex orandi, lex credendi*. A ordem dos termos quer reafirmar a precedência da oração na evolução do pensamento dogmático: primeiro se crê rezando; depois se sistematiza o que se crê corroborando seus princípios. Portanto os dogmas, antes de sistematizados são cridos e rezados. O Magistério nunca se reuniu para criar dogmas, porque isso seria intempestivo e destoaria da prática da igreja (*sensus Ecclesiae*). O Magistério reúne-se sim para definir os dogmas que brotam da *lex orandi*,

³ Sobre o tema, ler: COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum com Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

na qual o Espírito fala de forma direta às igrejas e move os corações para crer e amar. É aí que o “Espírito e a Esposa dizem: Vem” (Ap 22,17) e se invoca “que o sedento venha, e quem o deseja, receba gratuitamente *água da vida*” (Ap 22,17). O beber gratuitamente sugere que se trata de puro dom da graça operada na liturgia. Água da vida como uma fonte no coração humano é a metáfora teológica do dom do Espírito e da inabitação divina que o Filho concede àqueles que creem (cf. Jo 5,14). É nesse âmbito que as noções teológicas surgem, corroborando os primeiros dados da fé (*initium fidei*). Por isso a teologia estudada é a teologia segunda, já que a “*theologia prima*” é fruto da união mística do Espírito com a Esposa no momento privilegiado da *lex orandi*.

A origem do axioma *lex orandi, lex credendi* remonta ao século V, com Próspero que Aquitânia. Na verdade, o pensamento completo é: *legem credendi statuat lex supplicandi (lex orandi)*, ou seja, “que a norma da oração estabeleça a norma da fé”. Próspero, um leigo culto, foi secretário do Papa Leão Magno. Leitor e defensor do pensamento de Agostinho contra Pelágio, Próspero, diante de questões que lhe foram apresentadas, responde por meio do opúsculo *Indiculus de Gratia Dei*, inicialmente atribuído ao Papa Celestino, mas hoje reconhecido como de autoria do próprio Próspero (TABORDA, 2003, p. 71). É aí que se diz que a lei da oração é que estabelece a lei da fé. Não vamos analisar o alcance do axioma, mas indicá-lo como início remoto do que mais tarde se chamou de ciência litúrgica.

O contexto do axioma tem a ver com a luta de Agostinho contra o semipelagianismo, que surge como reformulação moderada do pelagianismo (TABORDA, 2003, p. 72). “Pelágio († 427) negara a necessidade da graça para que o ser humano possa praticar o bem” (TABORDA, 2003, p. 72). O semipelagianismo admite a necessidade da graça, mas imputa ao ser humano a iniciativa de obtê-la (TABORDA, 2003, p. 72). Agostinho nega totalmente a postura semipelagiana, atribuindo somente a Deus a iniciativa da graça. Um exemplo de que esta verdade é assumida pela fé são as abundantes orações do Missal Romano nas quais a Igreja suplica a Deus Pai, segundo o esquema: *fazei que eu faça*. Tomamos apenas um exemplo para ilustrar: “Ó Deus [...] fazei-nos por vossa inspiração pensar no que é certo e realizá-lo com vossa ajuda” (10º Domingo do Tempo Comum, oração do dia). Então o ato de pensar e agir, antes de repercutir no homem, é iniciativa e inspiração divina, ou seja, graça e não esforço humano. O livre arbítrio está na decisão de suplicar, acolher a inspiração divina, discernir e seguir a graça. Nessa oração vemos a graça no todo da experiência de fé: no pensar e no agir. O ato de pensar é o que há de mais espontâneo, e já nasce como inspiração do amor de Deus. Por isso a pessoa de fé pensa o que é correto e tem mais condições de agir de forma correta. Essa rápida ilustração é comprovação de que o axioma *lex orandi, lex credendi* é o princípio da ciência litúrgica, que já é teologia antes de ser sistematizada em dogmas e entrar na academia do estudo,

o que só ocorreu como ciência no século XVIII, como vimos. Ao analisar o conjunto das orações do Missal Romano, deparamos com uma teologia que contesta o semipelagianismo de forma radical, não dando nenhum espaço ao antropocentrismo. O grande passo que se deu foi reconhecer que a liturgia é um conhecimento científico. A partir do reconhecimento desta verdade, a liturgia alcança outro patamar e um lugar especial entre as ciências teológicas.

3 Liturgia é conhecimento científico

A ciência litúrgica foi reconhecida de forma oficial e contundente pelo Concílio Ecumênico Vaticano II na SC, em seu primeiro capítulo, que consideramos uma “obra prima” sobre ciência litúrgica, pois “a forma como a *Sacrosanctum Concilium* aborda a natureza da liturgia é uma aula magna de teologia, antropologia e pedagogia” (COSTA, 2013, p. 244). O fato mesmo de buscar a compreensão da natureza da liturgia reafirma o princípio central da ciência moderna, da qual a natureza é a fonte.

É aula magna de teologia porque mostra que a natureza da liturgia a encaixa no coração do *mysterium salutis* (mistério da salvação), para afirmar a importância da liturgia no conjunto do *opus salutis* (obra da salvação). Então liturgia é uma questão de salvação (mistério) que se realiza na *historia salutis*, enquanto liturgia terrena, sob a égide daquela liturgia que se realiza eternamente no céu (liturgia celeste). Buscando na liturgia celeste sua fonte (liturgia de fonte)⁴, a liturgia terrestre é regida por princípios que a normatizam, para que possa ter, na história, as características de sua fonte celestial, as quais podem ser sintetizadas em quatro dimensões: beleza, ordem, amor e êxtase⁵. O conceito de que a liturgia celeste é a fonte e inspiração da liturgia terrestre foi ressaltado pelo Concílio Vaticano II, quando diz:

Na liturgia da terra, participamos, e, de certa maneira, antecipamos a liturgia do céu, que se celebra na cidade santa, a Jerusalém para a qual caminhamos, em que Cristo, sentado à direita do Pai, é como que o ministro das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo. Juntamente com todos os anjos do céu, cantamos um hino de glória ao Senhor. Celebrando a memória dos santos, esperamos participar um dia de seu convívio. Vivemos na expectativa do Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo, até o dia em que se tornar manifesta a nossa vida e tomarmos parte, com ele, em sua glória (SC, n. 8).

Então a liturgia terrestre é antecipação da liturgia do céu e seus códigos aqui na terra são uma espécie de interpretação da beleza, da ordem, do

⁴ A obra referencial sobre a liturgia celeste como fonte da liturgia terrestre é: CORBON, Jean. *Liturgia de fonte*. São Paulo: Paulinas, 1981.

⁵ Ler COSTA, Valeriano Santos. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

amor e do êxtase que vigoram na liturgia celeste. Celebrar aqui é antecipar o que celebraremos em plenitude no céu. Por isso é muito importante considerar como critério científico a natureza e a finalidade da oração que hoje fazemos, pois “na liturgia a obra da salvação se realiza” (SC, n. 2), como continuidade da *opera Christi*, agora transformada em missão da Igreja em seu tríplice múnus: ensinar, celebrar e governar.

Também é aula magna de antropologia porque, por sua natureza, a liturgia se dá na história, valorizando o contexto cultural, a fim de evitar a contramão da história. Isto também é um princípio científico moderno. A dificuldade das forças de resistência à reforma litúrgica consiste em admitir que a liturgia não é desencarnada da cultura, como queriam que o latim fosse a única língua com que se possa falar com Deus e que os ritos medievais fossem a única ritualidade com que se possa celebrar a salvação. Na antiguidade, a igreja de Roma celebrou em grego quando era a língua que propiciava a comunicação viva no coração do império romano. Mas quando Roma voltou a falar a língua do Lácio, uma reforma litúrgica se fez necessária para que a celebração do *mysterium salutis* pudesse fluir em sua eficácia (COSTA, 2009, p. 78). O que está em jogo nas reformas litúrgicas é a salvação da humanidade pela fé e não a defesa de uma cultura específica. As polarizações citadas no início deste artigo são também politizações de quem quer retomar espaço na instituição.

Ainda é aula magna de antropologia porque a grande preocupação da SC foi a participação dos fiéis na celebração litúrgica. Que princípio científico mais contundente do que este? É a base do princípio ritual. Para o ser humano, participar é viver. Uma liturgia que não propicia a participação de toda a assembleia não pode minimamente representar nem se inspirar na liturgia celestial. Quando a assembleia litúrgica foi partida entre os atores do presbitério e os que assistiam impassivelmente nas naves da Igreja, o rosário serviu como um sinal de protesto dos que não aceitavam ficar fora do processo de comunicação litúrgica. Se até hoje em alguns casos não se encontrou a verdadeira comunicação mística de uma liturgia participada é porque, depois de quatro séculos não se retoma tão facilmente a prática que nas origens foi tão natural.

Também é uma lição de pedagogia porque incentivou o caminho mistagógico da celebração por meio da sacramentalidade litúrgica. Justamente a reforma se fez necessária porque os sinais sacramentais têm de expressar e comunicar a salvação. É uma urgência científica como norma geral do conhecimento litúrgico. Expressão e eficácia são noções profundamente pedagógicas. O que expressa é eficaz; uma coisa não é separada da outra. Quando os sinais não expressam, o rito pode ser tão espiritualizado que beira à magia. Quando expressam, imprimem de tal modo sua eficácia que falam por si e dispensam explicações. Em outras palavras, o que expressa remete à realidade da qual a expressão é chave de leitura. Como

estamos na história, entre o expressar e o realizar há necessidade de um tempo de leitura. Só Deus tem o poder absoluto de expressar e realizar simultaneamente, Palavra que faz acontecer o que diz sem nenhum hiato de tempo. Por isso a liturgia, quanto mais respeita os princípios que a regem, tanto mais se aproxima do momento criador, no qual a vida se fez história. Quer dizer que a liturgia é tanto mais expressiva e eficaz quanto mais se aproxima de sua fonte celestial. Nesse sentido uma norma da ciência litúrgica é que o que os sinais expressam na vida natural, fazem acontecer na vida espiritual. A água que lava, o pão que alimenta, o vinho que alegra são sinais do que acontece de forma eficaz no âmbito espiritual e não propriamente material.

4 Quatro preocupações pastorais da ciência litúrgica

Do que falamos até agora se inferem quatro preocupações pastorais basilares da ciência litúrgica, formuladas em perguntas: 1) celebrar o que? 2) celebrar para quê? 3) celebrar com quem? 4) celebrar como? A ordem das perguntas determina um roteiro pedagógico de caráter científico. Em primeiro lugar está o conteúdo, em segundo o sentido-finalidade, em terceiro recurso humano, e em quarto a prática consequente e condizente com os princípios anteriores.

Celebrar o quê é o início das questões. É o mesmo que perguntar: O quê a liturgia celebra? A resposta é exclusiva: celebra o mistério pascal. Por ser o mistério pascal do Filho enquanto mediador do Pai, no Espírito, toda liturgia é cristológico-trinitária. Cristológica porque o mistério pascal é o mistério pessoal de Cristo, assumido e realizado na encarnação do Filho. Trinitária porque é a forma de ligar o homem diretamente ao amor do Pai pela mediação do Filho⁶. Em nenhum momento essa mediação pode ser minimamente abandonada, ao risco de a liturgia se transformar em outra coisa que não culto cristão. A dinâmica do ano litúrgico é uma lição de cristologia e ao mesmo tempo um mergulho ininterrupto no amor do Pai pelo Filho no Espírito⁷. A fórmula trinitária das orações litúrgicas *ao Pai pelo Filho no Espírito Santo* é a garantia que a ciência litúrgica tem para não permitir o desvio da dimensão cristológico-trinitária da liturgia. Por isso a liturgia é não só escola de oração, mas escola de ortodoxia. A fórmula trinitária mencionada determina que a intimidade amorosa com Pai é o escopo da comunicação litúrgica. Liturgia é a convocação do Pai, para

⁶ Para aprofundar este tema, ler COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

⁷ Este tema foi estudado em COSTA Valeriano Santos. *Celebrar o amor na plenitude do tempo: o ritmo do ano litúrgico*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

que os filhos adotivos se encontrem com ele por meio de Cristo no Amor. Dessa forma podemos dizer que liturgia que não garante o cristocentrismo mediador colabora com a “orfandade espiritual”, cuja consequência psico-afetiva é desastrosa para a personalidade cristã. Aí está uma explicação porque tantos cristãos carregam as mesmas deficiências e as mesmas doenças psicoafetivas do mundo. A intimidade com o Pai proporciona a segurança psico-afetiva que fez de Cristo o homem perfeito. A filiação adotiva é um caminho de busca da perfeição “crística”. Não é plena aqui na terra, mas tem de refletir aqui a plenitude do céu na medida em que o Reino já está entre nós.

Celebrar para quem tem resposta soteriológica imediata, que a SC, n. 2, dá logo no início com um texto do Novo Testamento: “Deus quer que todos os homens se salvem e alcancem o conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Toda celebração que não estiver dentro desta finalidade global é uma celebração que tomou a rota errada porque tem meta equivocada. A comunicação litúrgica segundo a fórmula *ao Pai pelo Filho no Espírito Santo* é importante para a leitura dos fatos da salvação no decorrer na celebração.

Celebrar com quem define o que é a assembleia litúrgica: a família dos filhos adotivos situados na história, portanto numa determinada cultura. Aí há um dado teológico e cultural que não pode ser visto de forma separada, pois se coloca um magno problema que ainda não foi sequer minimamente estudado, cinquenta anos depois da SC: o contexto moderno líquido apresentado de forma bastante exaustiva por Bauman. O Concílio abriu oficialmente o diálogo com o mundo moderno, felizmente. Porém se pode inferir da vasta literatura bauminiana que quando o Concílio se propôs a dialogar com o mundo moderno, este já estava morrendo. O que temos agora como realidade cultural é outro mundo muito diferente daquele que o Concílio pensava: um mundo líquido⁸. Sendo verdade, onde está o interlocutor? Ele existe, mas desliza como fluido e escorre como água, forma e se deforma, muda a cada momento seguindo o fluxo do consumo. Onde está mesmo o interlocutor? Está em toda parte enquanto líquido, mas não em toda parte enquanto sólido.

Em decorrência disso, o quarto princípio, “o como celebrar”, se tornou uma questão aguda. É seguro que é *per ritos et preces*, mas não é seguro que os símbolos, por meio dos quais *sine qua non* a oração ritual se realiza, estejam sólidos quando tudo virou líquido. Uma saída para a ciência litúrgica é a interdisciplinaridade e o viés transversal do saber atual. O que se tornou mais sólido nos tempos atuais são as ciências como um

⁸ Literatura aconselhada de Bauman: *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Zahar, 2001. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

todo. Privilegiamos as ciências humanas, das quais a teologia faz parte, pois ao ter Deus como objeto, automaticamente inclui o homem. Então diríamos que o diálogo que a ciência litúrgica deve realizar a todo custo no mundo líquido moderno é com as outras ciências humanas, com as quais se podem vislumbrar a realidade atual e seu futuro. A ciência litúrgica não pode se isolar.

Também se pode inferir da leitura das obras de Bauman, sobretudo a partir de 2000, quando ele firma a expressão de modernidade líquida em contraposição à expressão modernidade sólida que a antecedeu, mudança mais bem explicada num texto posterior⁹, é que o problema mais agudo hoje não é tanto moral nem ético, porque essas dimensões também se dissolveram, mas a dimensão patológica em que o ser humano e a cultura caíram como consequência da liquidez que estabeleceu uma ruptura entre as duas modernidades. Então algo se rompeu na psique humana e no tecido social. Perguntamos se não será por isso que cinquenta anos depois do Concílio estamos a ver com a realidade das missas de “cura e libertação”, tão frequentadas quanto criticadas? A ciência litúrgica não pode ignorar que talvez a dimensão terapêutica da liturgia, mais do que nunca precisa ser aprofundada criticamente. O sonho de João XXIII de se ler os “sinais dos tempos”¹⁰ para se atualizar a leitura do amor de Deus na história, não pode ignorar uma prática que se impôs e parece não arrefecer. Ou toda missa é de cura e libertação ou apenas algumas vão continuar sendo destacadas com seu efeito soteriológico pontual. De fato, se o homem está doente, ele precisa de cura. Mas isso deve ser uma prática ritual ou pastoral? E como fica o princípio de que na sacramentalidade litúrgica o que os sinais sensíveis fazem acontecer no mundo natural, a liturgia o faz no mundo espiritual?

5 *Somos todos irmãos*

O mistério pascal é o mistério do amor de Deus que se fez história para a salvação do mundo, por meio da encarnação do Filho. Qualquer abordagem sobre ciência litúrgica que não inclua uma sólida teologia do amor

⁹ “Uso aqui a expressão ‘modernidade líquida’ para denominar o formato atual da condição moderna, descrita por outros autores como “pós-modernidade”, “modernidade tardia”, “segunda modernidade” ou “hipermodernidade”. O que torna “líquida” a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo” (BAUMAN, 2013, p. 16).

¹⁰ A expressão “sinais dos tempos”, que caracterizou o pensamento renovador do Papa João XXIII, aparece na Encíclica *Pacem in Terris*, como o subtítulo que antecede o n.º 39.

é técnica mas não plenamente científica. O mistério se fez ciência porque o Amor se encarnou. O fundamento ontológico do ser humano é o amor de Deus Pai, diz Rupnik (2013, p. 297). Como a liturgia pode ser estudada sem considerar e ressaltar o fundamento ontológico de quem a celebra? Isso significa que a fórmula litúrgica *ao Pai pelo Filho no Espírito Santo* é uma preciosidade da ciência litúrgica porque expressa num axioma o processo salvífico em sua totalidade. Está aí a teologia da filiação adotiva enquanto retorno ao Pai no amor que os filhos adotivos recebem por meio de Cristo, no Espírito Santo. O que antropologicamente se observa no crescimento psico-afetivo da criança é que quando esta capta o amor dos pais, se expande em comunicação e abre-se para a vida como uma flor que desabrocha na primavera. Realmente expande o ser em sua essência. Portanto, ao sentir-se amada, a criança se lança para a vida e inicia o processo de amar. De fato, é o sentir-se amado que cria o entusiasmo da vida.

No plano espiritual é isso que Cristo propõe a Nicodemos, quando diz que é preciso renascer para que o homem entre no Reino de Deus (cf. Jo 3,3). Combina com o processo natural da conversão do adulto em nova criatura que Jesus propõe aos discípulos em Mt 18,3: “Se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum vereis o Reino de Deus”. Da mesma forma, é preciso que a assembleia filial, comunidade de irmãos, reconheça e respeite o estatuto de sua composição. Deliberadamente naquele momento ninguém é pai, superior ou chefe, porque ali vale de forma plena o que disse Jesus a esse respeito: “A ninguém na terra chames Pai, pois só tendes o Pai celeste” (Mt 23,9). Da mesma forma, em âmbito litúrgico, ninguém deve ser chamado de doutor ou mestre, como é costume do mundo. É preciso que entremos na dinâmica ritual da liturgia para perceber que frisar títulos é tolice e vanglória. Por isso a oração dominical (Pai-Nosso) é uma oração prevalentemente litúrgica. Quando na Eucaristia uma comunidade de irmãos eleva os braços aos céus como crianças, chamando a Deus de único Pai, único *Abba*¹¹, está reconhecendo sua identidade mística e proclamando de forma plena o que é ser igreja na terra. Portanto a ciência litúrgica aconselha a evitar outra nomenclatura que não seja a de irmãos em torno de um único Pai. Profeticamente celebra-se na terra o que a liturgia celeste o faz eternamente. Assim o amor nos faz irmãos e nos ajuda a redescobrir que só temos um Pai, porque na terra todos são de natureza

¹¹ Sempre que Jesus rezava espontaneamente chamava a Deus de *Abba*, expressão que corresponde ao nosso “papai” e que aparece pelo menos 170 vezes nas orações de Cristo. Quase sempre nos é oferecida a tradução grega *pater*. Marcos 14,16, porém, frisa que se trata de “papai”, pois destaca o original aramaico *Abba*, ao lado grego *pater*, para insistir que Jesus chamava Deus Pai de papai. Isso nos faz suspeitar que a tradução do aramaico era o a forma enfática de Jesus ser dirigir ao Pai. *Abba* era como as criancinhas se dirigiam a seus pais, embora o *Abba* de Jesus não fosse um murmúrio infantil, mas um jeito carinhoso de se dirigir ao Pai eterno (SANTABÁRBARA, 1999, p. 91).

filial, isto é, constitutivamente carentes de afeto. O Filho é o Amado, e nele o cristão é enxertado para sentir-se igualmente amado. A índole filial da assembleia litúrgica representa a natureza da humanidade. Por isso não há uma oração sequer no Missal Romano suplicando a natureza paterno-materna, porque esta é teologicamente exclusiva do Pai. Também se deve considerar que é uma norma da ciência litúrgica.

6 Uma liturgia “teófora”

A teologia do amor, expresso no Novo Testamento com a palavra *agape*, representa uma inovação no estudo da liturgia. Zubiri mostra que o amor de Deus – ágape é ontológico e metafísico (ZUBIRI, 2008, p. 148). Portanto não é o amor humano, porque *eros*, segundo Zubiri, não é ontológico nem metafísico, mas uma dimensão importante que dá vitalidade ao ser. *Agape* é o ser mesmo de Deus. *Eros* faz parte do amor, mas não abarca a totalidade do amor. Os cristãos perceberam que *agape* é o melhor termo para expressar o que é Deus e, em decorrência antropológica, indica em que consiste a essência humana, pois no coração que acolhe o amor de Deus, a dimensão erótica enquanto força vital, não sucumbe, mas é assimilada como raiz do entusiasmo e da atração para o outro. Portanto *eros* está presente em *agape*, já que o amor humano é sacramento do amor divino, e o fato de o ser humano se enamorar muda a maneira de estar no mundo. Jeanrond diz que

o amor entre as pessoas engloba o atrativo e a energia pessoal, erótica e, possivelmente, também sexual dos seres humanos, e desse modo muda a maneira de estar no mundo dos enamorados, assim como sua experiência e compreensão que têm do seu corpo e da extensão do seu amor (JEANROND, 2013, p. 21).

Na cultura judaica não há exclusão da dimensão erótica do amor de Deus. Por isso nas Escrituras hebraicas não há uma palavra única para expressar o amor. Juntas, expressam um conteúdo múltiplo, não permitindo que a dimensão erótica fique excluída. O problema é que todo o conjunto de palavras que expressam o amor foi sendo traduzido em outras línguas por uma única palavra, como aconteceu com a língua grega. Dessa forma, a dimensão erótica da capacidade humana de relação foi sendo excluída da teologia do amor (JEANROND, 2013, p. 56). Porém não há nenhum amor vivido na experiência humana, mesmo que transcendental, que não tenha algum conteúdo erótico (JEANROND, 2013, p. 27), isto é, atrativo. Por outro lado, não podemos ignorar que quando o amor não tem um rumo dado por Deus, pode servir à morte e à exploração. *Agape* é um amor completo porque traz a autodação como dom divino primordial. Por isso “o santo”, do ponto de vista cristão, não é uma pessoa amorfa, mas dinâmica e atrativa. Na mesma linha a liturgia tem de ser atrativa.

E para tal, precisa ser “teófora”, isto é, portadora de Deus-amor, capaz de levar ao êxtase, enquanto saída ao encontro do Pai, cuja experiência amorosa é o princípio do êxtase. Por isso o êxtase está integrado à liturgia como um fim.

Para a liturgia ser teófora, é preciso ser uma reunião realizada no amor de Cristo, o Mediador do amor do Pai. É um amor que reúne para unir: “O amor de Cristo nos reuniu” (MISSAL, p. 309), diz a assembleia no início da celebração eucarística; “o amor de Cristo nos uniu” (MISSAL, p. 501), diz no rito da comunhão. Só o amor de Deus, com toda a sua inteireza e completude, pode salvar a humanidade, pois tem condições de restaurar o ser humano, unindo todas as capacidades da inteligência. Ao naufrago se oferece uma tábua; ao ser humano carente de amor se oferece o amor de Deus como tábua de salvação. Os salmos já intuíram a salvação pela experiência do amor divino: “Sacia-nos com teu amor pela manhã, e alegres exultaremos nossos dias todos” (Sl 90,14). Portanto a alegria é fruto do amor de Deus, derramado no coração humano como num templo (cf. Rm 5,5).

Uma liturgia teófora leva o rito a uma comunicação integrada e pessoal semelhante à comunicação que aparece na fotografia de Frances Benjamin Johnston, comentada por Sennet (2012, p. 16). Parece um paradoxo, porque na fotografia a comunicação não é individual, mas coletiva, pois nenhum dos trabalhadores artesanais se olha ou se fala. A fotografia revela no entanto um senso de unidade que parece ritual. Os trabalhadores não dizem nada um ao outro e, no entanto, se comunicam sem palavras de uma forma muito mais profunda que com palavras. É claro que a liturgia usa palavras, mas a comunicação sagrada ritual vai muito além das palavras; é a comunicação do amor. A forma como se diz uma palavra atinge a plenitude dos significados para dizer a essência da vida num simples olhar que se torna palavra. Então a palavra litúrgica é mais do que uma palavra; é um gesto de amor. A compreensão desta dimensão litúrgica ajusta a celebração e evita tantos problemas que quebram o rito.

O rito fala por si, se o amor é a força que o conduz. Carrega o amor de Deus como a Virgem de Nazaré subindo as montanhas da Judeia (cf. Lc 1,39-45) para visitar a anciã que aguarda pelo novo. Dessa forma o rito revisita em cada celebração o coração do crente que opta pela salvação disponível pela graça. Então a liturgia é Maria que leva o amor de Deus para renovar e dar condições de vida às velhas estruturas corrompidas pelo pecado. Tem pressa de chegar, mas não sai do ritmo que conduz ao êxtase. Justamente por ser teófora, a liturgia tem condições de levar ao êxtase, dispensando comandos humanos, adendos e floreios que levam à comunicação intimista ou de massa. É presença de Deus que promove a profundidade da comunicação transcendental e abre os corações para a comunicação horizontal. A liturgia que carrega o amor de Deus em si é transformadora da história, porque transforma cada pessoa educando-a e

capacitando-a para ser no mundo um sinal vivo do amor de Deus. É uma liturgia testemunho e um testemunho que se faz liturgia.

7 Uma liturgia lúdico-artístico-filial

São três as características que se unem para manifestar a dimensão da criança que aparece no rito litúrgico: jogo, arte e espírito filial.

Na brincadeira de criança a vida aflora como jogo amistoso e não como competição mortal. A metáfora da morte foi assimilada nas competições lúdicas oficiais, como, por exemplo, as fases do “mata-mata” nos campeonatos oficiais de futebol. Portanto a liturgia é brincadeira diante de Deus; é um jogo leve cuja finalidade é somente jogar pelo prazer eterno de brincar. Mais uma vez temos de admitir que a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II retomou o espírito da liturgia, fazendo que ela seja o que deve ser. Portanto a ciência litúrgica reforça o lúdico como dom da brincadeira na essência do espírito litúrgico.

Aliado ao lúdico está o dom da arte. Segundo Guardini, “brincar diante de Deus, não criar, mas ser uma obra de arte, tal é a essência mais íntima da liturgia” (GUARDINI, 1948, p. 84). Por isso o próprio Guardini ressalta a “infância sobrenatural” (GUARDINI, 1948, p. 83), gerada a partir da união entre arte e realidade na qual a liturgia faz mergulhar. Liturgia não é trabalho; é arte, na qual o humor mostra a felicidade inerente à existência filial. Rezar é participar do jogo de meninos que brincam diante dos olhos do Pai eterno, sentindo no seu olhar uma imensidão de amor. Daí se pode inferir que o bloqueio que o adulto constrói para negar a insegurança e o medo da vida deve ruir numa liturgia autêntica. E liturgia autêntica é aquela em que os que celebram se sente montologicamente amados por Deus Pai. Assim o *deves amar* se torna viável, porque o amor faz os amados amarem-se uns aos outros: “Amados, amemo-nos uns aos outros” (1Jo 4,7), intui o Evangelista em sua eclesiologia do amor. Deves amar porque és ontologicamente amor! Neste sentido o amor é um tema importante da ciência litúrgica. É nesta perspectiva que o *Pantocrátor* (o todo-poderoso) dos textos eucológicos do Missal Romano se torna a oração da criança que vê em Deus Pai a onipotência que ultrapassa totalmente o conhecimento humano.

8 Uma liturgia dialogicamente humana

Quando falamos de uma liturgia dialogicamente humana, estamos ressaltando dois princípios: o dialógico como método de diálogo, e o humano como sinal sacramental primordial de Cristo na sacramentalidade litúrgica. Ambos levam ao acolhimento como atitude primordial do amor. Se

amor não começa por dar seus sinais ai, já fracassou enquanto amor. A falta de acolhimento tem sido a grande queixa dos que deixam a riqueza do mundo católico para buscar outras experiências de fé. Na comunhão dialógica a empatia é mais significativa do que a simpatia.

Embora a empatia não seja um sentimento tão forte nem tão envolvente como a simpatia, ela cria uma postura na qual até a curiosidade de saber o que o outro pensa ajuda a nos tornar ouvintes mais abertos. O método dialógico não exige, portanto, que no diálogo seja necessário concordar integralmente com o outro para que as partes se entendam, mas exige que o outro tenha o direito de ser ele mesmo e, por isso, tem de ser ouvido como tal. É um método que não permite exclusão nem redução. Aí se realiza a grandeza da comunicação humana. A natureza da empatia não exige que se sinta o que o outro sente (simpatia), mas que se solidarize com ele, apesar da diferença. Sennet explica a profundidade e a sutileza da diferença entre simpatia e empatia:

A simpatia costuma ser considerada um sentimento mais forte do que a empatia, pois “estou sentido a sua dor” dá ênfase ao que eu sinto, ativando o meu ego. A empatia é uma prática mais exigente, pelo menos na escuta; o ouvinte precisa sair de si mesmo [...] A empatia está mais ligada à troca dialógica; embora seja sustida pela curiosidade, não experimentamos a mesma satisfação de um fechamento, de estar rematando as coisas. Mas a empatia tem sua própria recompensa emocional (SENNET, 2012, p. 34-35).

É um método que privilegia a construção de pontes sobre os abismos das diferenças humanas. Deus é o criador de tudo e espera que nas diferenças o ser humano alcance a riqueza da multiplicidade. O drama das rejeições étnicas, da cor da pele, etc., causou e ainda causa feridas profundas. O homem podia viver sem essa dor. Na liturgia todos são realmente irmãos. Desde as primeiras noções bíblicas de acolhimento ao estrangeiro, o diálogo de caráter dialógico constrói pontes sobre abismos. Por isso na liturgia o acolhimento é o primeiro elemento da pastoral litúrgica. Reduzir simplesmente ao “que sou” constrói seitas e não comunidades. Sem amor os mais belos textos litúrgicos e os mais encantadores espaços celebrativos perdem sua eficácia. Cuidar do outro é uma atitude que define uma liturgia humana e dialógica. A cultura do acolhimento precisa ser reconstruída no mundo católico, e a liturgia é o lugar privilegiado disso acontecer, porque é onde o amor de Deus floresce.

Considerações finais

Este artigo se propôs a aprofundar a liturgia enquanto ciência para buscar respostas ao problema das polarizações das quais a liturgia se tornou vítima, desde que sua carta magna, a SC foi promulgada em 1965.

A resposta apontada é que a ciência litúrgica não tem sido levada a sério como se requer de qualquer ciência moderna. Em outras palavras, a liturgia tem sido celebrada “a olho”, sem se levar em consideração os princípios gerais que lhe dão consistência. Por isso celebrar parece uma coisa que qualquer um faz sem necessitar de estudo. Defesas de certos modelos de liturgia representam eclesiologias superadas pelo Vaticano II e mostram o que está por trás: politizações do fenômeno celebrativo na luta de quem quer defender ou ganhar mais espaço na instituição, o que é bastante perverso, pois a natureza da liturgia não permite isso, já que deve ser guiada pelo lúdico, artístico e filial. Foi no contexto de uma insinuação de luta pelo poder entre os apóstolos que fez Cristo tomar uma criança e colocá-la no meio deles para dizer: *Quem não se tornar como as crianças, de modo algum verá o Reino de Deus* (cf. Mt 18,3).

Então a liturgia, momento privilegiado de expressão e de vivência do amor de Deus na terra, acaba sendo alvo de manipulação que afasta mais do Reino e deixa os filhos de Deus Pai sem o alimento de vida. Isso está levando a Igreja a uma crise que tem de ser superada não com normativas que acabam por engessar como ocorreu antes, mas com o fortalecimento do estudo da liturgia nas academias teológicas, de tal forma que conste entre as principais disciplinas dos currículos e seja considerada como tal. A própria dicotomia entre liturgia e sacramentos nos currículos teológicos mostra que estamos muito aquém daquilo que o Concílio pediu. Dessa forma, sacramentos são estudados teologicamente e liturgia não passa de prática cerimonial. O princípio remoto da ciência litúrgica, expresso com o axioma *lex orandi, lex credendi*, aponta para a direção contrária e gerou o que se tornou outro axioma: *teologia se faz de joelho*.

A ciência litúrgica leva os celebrantes a respeitarem os grandes princípios que regem a liturgia, como a ritualidade, a sacramentalidade, a finalidade soteriológica, a sensibilidade à beleza, ordem, amor e êxtase. Quebrar ritos, ignorar o princípio sacramental que liga a liturgia terrena com sua fonte celestial, desconhecer a função da beleza, da ordem, do amor e do êxtase no processo de comunicação litúrgica é demonstrar despreparo e incompetência.

Sem grandes pretensões, temos certeza de que este artigo ajudará a igreja a pensar e fortalecer sua liturgia como momento histórico da salvação.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. *A cultura no mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAURKO, Xavier; GOENAGA, Jose Antonio. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica. In: BOROBIO, Dionisio (Org.). *A celebração na Igreja 1: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 37-160.
- CABECINHAS, Carlos. A ciência litúrgica como disciplina universitária. Manuel de Azevedo S.J. (1713-1796) e as primeiras cátedras de ciência litúrgica. *DIDASKALIA XL (2010)2*. p. 113-134.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CORBON, Jean. *Liturgia de fonte*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- COSTA Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum com Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. A inculturação da celebração da fé. *Revista de Cultura Teológica*, 60 (2009), p. 73-87.
- _____. *Celebrar o amor na plenitude do tempo: o ritmo do ano litúrgico*. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- _____. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- _____. *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.
- _____. A reforma litúrgica *Sacrosanctum Concilium*I. In: ALMEIDA, J. C; MANZINI R;
- MAÇANEIRO, M. *As janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida: Santuário, 2013. p. 243-254.
- GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.
- JEANROND, Werner G. *Teología del amor*. Santander: Sal Terrae, 2013.
- JOÃO XXIII, Papa. Carta encíclica *Pacem in terris*. *Documentos de João XXXIII*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 322-375.
- SANTABÁRBARA, Luis González-Cavajal. *Notícias de Deus Pai!* São Paulo: Vozes, 1999.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

TABORDA, Francisco. *Lex orandi – lex credendi*, origem, sentido e implicações de um axioma teológico. *Revista Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 95, p. 71-86, jan./abril 2003.

TENA, Pere. *Celebrar elmisterio*. Barcelon: Centre de Pastoral litúrgica, 2004.

WHITEHEAD, Alfred North. *A ciência e o mundo moderno*. São Paulo: Paulus, 2006.

ZUBIRI, Xavier. *El ser sobrenatural: Dios y la deificación en la teología paulina*. Barcelona: Herder, 2008.

Valeriano dos Santos Costa é doutor em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto de Sant'Anselmo, Roma. Publicações mais recentes: *Celebrar o amor na plenitude do tempo: o ritmo do ano litúrgico*. São Paulo: Ave Maria, 2014. *Vida cristã: a existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2014. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.

Endereço: Rua Monte Alegre, 948 – Perdizes
05014-001 São Paulo – SP
pvaleriano@uol.com.br